

# RECENSÕES

CALEIDOSCÓPIO

Richard Sennett, *The Corrosion of Character: The personal consequences of work in new capitalism* W. W. Norton & Company, NY and London, 1998. (Tradução portuguesa: *A corrosão do carácter*, ed. Terramar, Lisboa, 2001).

## Rogério Ferreira de Andrade

*The corrosion of character*, de Richard Sennett, é um ensaio em forma de novela sobre a impaciência do capital e o destino do carácter na sociedade de informação.

O protagonista central? O «homem de rede» do capitalismo neo-liberal, flexível. E o primeiro, mas não o único, perdedor anunciado? O «homem de mármore»<sup>1</sup>, aquele que quer ainda acreditar que o trabalho e a carreira são para toda a vida, aplicando-se a «provar o seu valor moral através do seu trabalho» (p. 105). Qual a ironia subjacente? A descoberta paradoxal de que quanto mais densificamos a malha e os nós nas redes sociais, tanto mais o carácter – o «laço que estabelecemos com o mundo, o facto de sermos necessários aos outros» (p. 146) – se corrói e, com ele, a confiança, a lealdade e a possibilidade de compromissos mútuos. Sennett não tem grandes ilusões sobre o trabalho que desenvolvemos em equipas e em ambientes empresariais de rede, onde a «ficção dos empregados cooperativos (...), as máscaras do espírito de cooperação» (p. 113) se multiplicam e «as pressões dos outros membros da equipa substituem os golpes de chicote dos patrões para que as linhas de montagem de automóveis rodem sempre mais depressa» (p. 113). O epílogo? O de sempre. A cada novo mito regenerador que a tecnologia nos proporciona voltamos a juntar os bocados e a fazer deles um *ego* e um mundo. Desta vez, no planeta das redes, sonha-

mos sonhos fusionais, embora assombrados, aqui e ali, por práticas de mármore.

A tentação de forçarmos um paralelismo entre *The corrosion of character* e as *Seis propostas para o próximo milénio*, de Italo Calvino, é irreprimível. Ambos propõem e percorrem seis conceitos-capítulos nas suas obras. A geografia do humano aí examinada, seja a partir da instituição da literatura (Calvino), seja de uma antropologia das instituições (Sennett), revela uma idêntica inquietação prospectiva. Calvino, interrogando a sorte da literatura e do livro, isto é, da cultura na era tecnológica; Sennett, o destino do carácter numa época em que o homem ansioso e algo paranóico das redes vem substituir o homem compulsivo das rotinas burocratizadas. Mas as semelhanças terminam aqui, pois se Calvino fala de valores tendenciais que se institucionalizam no mundo (a leveza, a rapidez, a exactidão, a visibilidade, a multiplicidade e a consistência), Sennett, pelo seu lado, nomeia e mostra em acção os contra-valores erosivos que instabilizam já aqueles valores (a deriva, a rotina, a flexibilidade, a ilegibilidade, o risco e o desaire).

As redes técnicas e relacionais anunciam refazer o grande oceano mítico, thalassal, benfazejo, mas permitem-nos também espreitar mais facilmente para o que sempre esteve debaixo dos nossos pés e que o mármore burocrático ocultava – o *inorgânico*. Um fundo de inorgânico passa a ser a condição, e também o desafio, dos personagens que Sennett faz desfilar ao longo do livro, «entre os dois extremos da deriva e da afirmação estática» (p. 30).

É certo que o conceito de inorgânico não faz parte do vocabulário de Sennett, mas como entender de outra maneira o medo e o pânico profundos desses personagens, as suas narrativas de vida fragmentadas face ao *non-sense*? De facto, nem todas as instituições, e nem todos os indivíduos, são igualmente hábeis em caminhar sobre a fina lâmina que separa o orga-

<sup>1</sup> Cf. Jacques Chaize, *La porte du changement s'ouvre de l'intérieur*, ed. Calmann-Lévy, Paris, 1992, pp. 14 e seg.

# RECENSÕES

CALEIDOSCÓPIO

nizado (estruturas materiais e de sentido estabilizadas) do inorgânico (sentidos contraditórios, objectivos duais, ausência de quadros normativos estáveis e de poderes amplamente legitimados, comportamentos ambiciosos ou predadores dos indivíduos).

Dois eixos fazem avançar este ensaio que Sennett escreve em forma de novela. O primeiro eixo, de grande tensão dramática, traz à cena histórias exemplares de vida. O segundo, ao mesmo tempo analítico e integrativo, vai dissecando os fios técnicos, morais ou existenciais do capitalismo neo-liberal onde se debatem quer os indivíduos, quer os macro-indivíduos institucionais.

Inúmeros são, pois, os personagens que cruzam o livro de Sennett. Uns, como Enrico, com o sentimento de terem sido «autores das suas vidas» (p. 16); outros, como Rico, seu filho, com o medo insidioso de «estarem a dois dedos de perder o controlo das suas vidas» (p. 19). Personagens de quase-ficção são também esses jovens padeiros de uma padaria a que Sennett volta vinte e cinco anos depois de aí ter realizado uma primeira investigação (*The Hidden Injuries of Class*, 1972). Não dominando já a arte da cozedura, «o trabalho deixou de ser legível para eles» (p. 68) e o pão apenas «uma imagem no ecrã» (p. 68).

A mais espantosa das histórias é, no entanto, a de Rose, dona do *Trout Bar*. Vale a pena perder algum tempo com esta narrativa que uma Rose decepcionada faz a Sennett, ao balcão do *Trout*. Na casa dos cinquenta, Rose aceitou integrar um *research team* numa agência de publicidade. O seu primeiro projecto consistiu em relançar o mercado de álcool forte. Apesar de consideráveis esforços, Rose não terá nunca percebido verdadeiramente as regras do jogo que tinha de saber jogar para se tornar eficaz na sua nova actividade. Pela idade e estilo de vida, ela dificilmente conseguia frequentar os cocktails, os restaurantes em alta, as festas e as

galerias da cidade, tudo lugares em que «a rede da elite funciona, noite e dia, por meio da linha de alta tensão do rumor» (p. 78). Na sociedade de Park Avenue, o rumor é o sistema de conhecimento dominante. Sentiu-se como «madeira morta» numa agência em que «todos se focalizam no instante presente» (p. 79) e a experiência individual acumulada é negada. Aliás, «quanto mais se acumula experiência, mais o valor desta declina» (p. 94). Resultado: Rose era incessantemente posta à prova pela agência, «mas não havia nenhum indicador objectivo para medir um bom trabalho, para além do rumor» (p. 79).

Sennett sublinha a ideia de que são hoje em número incontável os que aspiram a tornar-se *coaches* (treinadores, facilitadores ou animadores de equipas). Mas responsáveis, há-os cada vez menos. Desfruta-se do exercício do poder simbólico sem o ónus de exercer a autoridade, a responsabilidade. Repudia-se, aliás, o exercício desconfortável e desvantajoso da autoridade. Daí que, como refere Sennett, encontremos raramente «verdadeiros seres humanos capazes de declarar: «Vou dizer-te o que fazer» ou, no outro extremo, «Vou fazer-te sofrer» (p. 115).

O empregado-idealizado e indispensável a este *flexible capitalism* é o que «aceita o novo sistema de vigilância» (p. 59), incluindo a submissão aos controlos intranet ou simplesmente a violação do correio electrónico; aquele que «se compraz na desordem» (p. 62), atinge mesmo a felicidade com as sucessivas deslocações da sua família e exhibe uma invejável capacidade para «se libertar do passado e aceitar a fragmentação» (p. 62).

Quanto aos dirigentes, Sennett é ainda mais corrosivo: «O patrão que declara sermos todos vítimas dos tempos e dos lugares (...) tornou-se mestre na arte de exercer o poder sem ter contatos a prestar (...). Este jogo do poder sem autoridade engendra um novo tipo de carácter. Ao

homem empreendedor substitui-se o homem irónico (...), consequência lógica da vida num tempo flexível (...). Já não há ninguém, nenhuma autoridade, para reconhecer um valor» (p. 116). Na verdade, as estruturas sociais e institucionais, mas igualmente os indivíduos, mais facilmente tomam decisões a partir da imagem de *quem* faz, isto é, a partir de uma cotação numa «bolsa» mundana e estratégica de valores, revelando, por outro lado, uma incapacidade, naturalmente calculada, para – efectiva e não apenas cerimonialmente – avaliar, premiar ou mostrar solidariedade pelo que um outro *faz*. Como diagnostica Sennett, «a identidade inacabada (...) e o eu maleável em perpétuo devir são hoje as condições propícias à experiência do trabalho de curto prazo, às instituições flexíveis e à aceitação de riscos a todo o momento» (p. 133).

Entretanto, teremos de aguardar novos episódios da saga da sociedade de informação e do *flexitime* para comprovarmos a validade de um aforismo de Richard Sennett com que finalizamos esta recensão: *assumir riscos constantemente torna-se um exercício de depressão*.

### ***Outras obras de Richard Sennett***

*The Hidden Injuries of Class*, Vintage Books, NY, 1972 (em parceria com Jonathan Cobb).

*The Fall of Public Man*, Cambridge University Press, 1977 (tradução francesa: *Les tyrannies de l'intimité*, Seuil, 1979).

*Authority*, Vintage Books, NY, 1981.

### ***Sobre o autor***

Richard Sennett é professor na London School of Economics. Com *The corrosion of character* recebeu, em 1999, o Amalfi Prize for Sociology and Social Sciences.